

INSTITUTO DE DIREITO CANÔNICO

“PE. DR. GIUSEPPE BENITO PEGORARO”

O Instituto de Direito Canônico “Pe. Dr. Giuseppe Benito Pegoraro”, com sede à Av. Nazaré, 993 em São Paulo - Brasil, rege-se pelas normas emanadas pela Sé Apostólica. Pertence à Arquidiocese de São Paulo, é mantido pela Mitra Arquidiocesa e é agregado à Pontifícia Universidade Lateranense - Roma.

Finalidade do Instituto:

1) Investigar, aprofundar e explicar as fontes do Direito emanadas tanto no passado como no presente, procurando harmonizar as exigências científicas com as necessidades pastorais do povo de Deus.

2) Desenvolver o Direito, sob a guia do Magistério, para que sua aplicabilidade possa ser relevante e significativa no processo de inculturação, tanto brasileiro como latino-americano, sem descuidar a universalidade.

3) Concorrer para a formação jurídica tanto do clero como de leigos, dando ênfase especial à formação e preparação de professores em Direito Canônico.

Requisitos para matrícula:

O candidato para matricular-se no Instituto deve, no ato da matrícula, entregar à Secretaria:

1. Xerox autenticado do documento de identidade ou correspondente.
2. Três fotos 3x4.
3. Xerox autenticada de diploma universitário.
4. Carta de apresentação do ordinário.

Início do curso:

Começo: março e agosto: das 8:00 às 11:20hs.

Local: Campus III da Faculdade Assunção.



ÊXODO COMO PARADIGMA PARA A COMPREENSÃO DA BÍBLIA NA AMÉRICA LATINA

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

INTRODUÇÃO

1. A TEMÁTICA É UMA QUESTÃO DE CARÁTER HERMENÊUTICO

Esta temática é eminentemente de caráter hermenêutico. Será assim preferencialmente abordada. Este caráter hermenêutico se revela em razão de se poder traduzir a temática nas seguintes interrogações: “Qual a relevância hermenêutica do Êxodo como paradigma para a compreensão da Bíblia na América Latina?”. Isto é, o que e em que medida este paradigma, se assim tomado, gera e suscita na América Latina? É mesmo este o paradigma que preside o processo de compreensão da Bíblia na América Latina?

A reflexão pode incluir elementos facilitadores de uma avaliação do alcance de um tal paradigma no processo de compreensão da Bíblia, a partir do contexto da vida latino-americana.

2. UM ACONTECIMENTO DE DOIS HORIZONTES

O Êxodo é um acontecimento de perene produção de sentido. Sua “circularidade hermenêutica” inclui a “práxis histórica” e a “experiência da fé”. Implicam-se três elementos fundamentais no horizonte da práxis histórica:

1. “Há um texto normativo, entendido como querigma de libertação, que não é somente o relato de Ex 1-15, mas o motivo do “êxodo” em toda a Bíblia; 2. Como no caso da história de Israel, também na história dos homens destes dois milênios, ocorreu e continua ocorrendo um recurso a esse motivo *em contextos de libertação*; 3. “êxodo” e processos de libertação conferem sentido um ao outro”¹.

¹ CROATTO, S. A relevância sócio-histórica e hermenêutica do Êxodo. *Concilium*, 209. 1987/1, Petrópolis: Vozes, 134ss.

Também no horizonte da experiência da fé: 1) Há um Deus único e Senhor de tudo na Bíblia toda. 2) Como referente, é o ponto de partida e de sustentação do processo na sua ubicação histórica e na sua projeção transcendente. 3) A transcendentalidade deste Deus enraíza a sobrenaturalidade do Homem na compreensão de si e na influência determinante da história, no seu sentido e no seu destino. Assim, a compreensão exata do Êxodo, como paradigma, inclui articulação, intercâmbio e fusão destes horizontes.

3. O PARADIGMA E SEU ALCANCE HERMENÊUTICO

O caráter hermenêutico desta temática, do ponto de vista estritamente prático, coloca-nos diante da questão da atualidade ou não do paradigma do Êxodo para a compreensão da Bíblia na América Latina. Ora, o horizonte paradigmático se configura, hermenêuticamente, enquanto processo de produção de sentido. O fato do Êxodo não vale só por si, na sua compleição histórica, até na medida da preocupação do que aconteceu mesmo. O que se constata é que o sentido, no processo de sua produção tem preeminência sobre o fato. Nesta direção é que se configura o horizonte imensurável da força querigmática do Êxodo, enquanto núcleo fundamental do AT e como inspiração determinante da expressão e da compreensão do mistério pascal no NT. O léxico próprio vindo do Êxodo perpassa, pois, todo o processo interno de produção e de compreensão que a Bíblia elabora no seu interno.

4. ÊXODO COMO PARADIGMA *VERSUS* COMPREENSÃO DA BÍBLIA NA AMÉRICA LATINA

O caráter paradigmático do Êxodo para a compreensão da Bíblia na América Latina tem testemunhos históricos clássicos provando sua consolidação, seja no âmbito da história política comum, seja na produção teológica de contextos, chegando até a observações críticas, considerando um certo exagero,² ou seja, no processo de interpretação da própria Bíblia.

² Cf. DUSSEL, E. O Paradigma do Êxodo na Teologia da Libertação. *Concilium*, 209, 86

Em si, o argumento é incontestável. Não é exagero dizer, salvaguardada a peculiaridade das proporções, que continua o alcance paradigmático do Êxodo, no conjunto da literatura bíblica, inspiração de releituras, e do processo de sua própria produção nas diferentes circunstâncias e etapas da história do Povo de Deus.

Entre nós, já em 1970, Rubem Alves dizia que: “O Êxodo foi a experiência geradora da consciência do povo de Israel. Constituiu-se no centro estruturante que determina sua maneira de organizar o tempo e o espaço. É a lógica integradora, o princípio de organização e interpretação dos fatos da experiência histórica”.

Pensando a compreensão da Bíblia na América Latina, tendo o Êxodo como paradigma, significa, pois, apreender o sentido que determinará sobre a realidade a partir daquele referido centro estruturante. Este é quem determina a imediatez da visão da inteligência enquanto apreende o sentido no processo da compreensão. Ora, torna-se aquilo que se compreende no processo. O paradigma produz, então, a compreensão na dinâmica articulada dos horizontes da “práxis histórica” e da “experiência da fé”.

Assim, além das muitas razões que justificam a referência ao Êxodo como paradigma para a leitura e compreensão da Bíblia na América Latina, ele se confirma como recurso imprescindível e insubstituível. Estas características se confirmarão ao longo de abordagens a serem feitos no decurso do estudo.

5. PONTUAÇÕES NO CONTEXTO HISTÓRICO-ECLÉSIAL DA AMÉRICA LATINA

5.1 Olhando a Bíblia e a realidade

A experiência de opressão e de muito sofrimento constituiu no Êxodo, e a partir dele em toda a Bíblia, uma consciência religiosa bem própria e bem característica em Israel. Relevante, neste sentido, é o peso sócio-histórico da compreensão do processo de libertação vivido, seu desenrolar, o alcance e as conseqüências concretas. Tudo isto, é oportuno sublinhar, vem articulado com

o artigo fundamental da fé em Iahweh. É uma articulação do sentido de Ex. 3,13-14, “*Eu sou aquele que sou/estou contigo*”, e Ex 20, 2, “*Eu sou Iahweh, teu Deus, que te libertou da terra do Egito, do antro da escravidão*”.

Ora, o contexto latino-americano nesta sua história de mais de 500 anos tem os mesmos traços para configurar como ponto de partida um mesmo lugar hermenêutico para a compreensão da Bíblia. Também articula-se um processo de escravidão de imensurável peso sócio - histórico e o artigo da fé no Deus de Jesus Cristo, o Deus da vida. Assim, na Bíblia, retratando o processo da consciência religiosa de Israel, não menos que na América Latina, haveria o risco de afastar-se do horizonte autêntico no caso de um não reconhecimento também aqui neste contexto particular do caráter fundante do Êxodo. Lá e aqui, na história que é do mesmo Povo de Deus.

Ainda, é importante perceber que o caráter arquetípico do acontecimento do êxodo lhe configura uma eficácia que o torna sentido como presente, atual e como definida ótica de leitura e compreensão de todos os processos libertários.

5.2 Olhando a realidade e a Bíblia

A realidade latino-americana tem traços e características que, abundantemente, pedem do leitor da Bíblia um olhar a partir de um paradigma que tenha força incidente de transformação.

A perspectiva é, nas circunstâncias próprias, a mesma que suscita a dinâmica do Êxodo, incluindo a realidade sócio-histórica e a ação de Deus. Trata-se de uma realidade que do coração de Deus justifica a inaceitação da opressão e o empenho por um projeto de libertação, recriação e redenção.

Mencionando, rapidamente, para se verificar estas perspectivas, pode-se tomar no caminho dos últimos 30, 40 anos, as preocupações eclesiais que marcam a plausibilidade deste paradigma do Êxodo como força de leitura.

A *Gaudium et Spes*, nº 1, inicia dizendo: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e nada existe de genuinamente humano

que não encontre eco nos seus corações”. GS 12: “Crentes e não crentes são quase unânimes em considerar que tudo quanto existe na terra deve ser referido ao homem, como seu centro e seu vértice”.

Não é atual e têm ecos proféticos as pontuações feitas em Puebla? DP 26: “A Igreja, tem o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, entre os quais há muitos filhos seus; o dever de ajudar a nascer esta libertação, de dar testemunho da mesma, de fazer que seja total. Nada disso é estranho à evangelização” (*Evangelii Nuntiandi* 30 e DP 30-39).

Neste contexto, em 10 de dezembro de 1980, quando pululavam tantas questões importantes, e era necessária a lucidez para o caminho de nossa Igreja, o Papa João Paulo II envia uma carta aos Bispos do Brasil. Nela inclui uma preocupação que delinea um horizonte que mantém sua atualidade, também nos nossos dias: “Através de minha viagem pelo Brasil eu quis reafirmar a convicção primeira, profundamente enraizada em meu espírito, de que a Igreja é portadora de uma missão essencialmente religiosa, e cumprir essa missão é seu dever prioritário. O Concílio frisou esta verdade quase em cada um de seus documentos, e de modo mais significativo na Constituição *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo contemporâneo (cf. n.42).

É certo que a missão da Igreja não se confina nas atividades de culto e no interior dos templos. Desde os tempos apostólicos, e certamente inspirada na ação do próprio Jesus, ela sempre procurou inserir-se na comunidade humana, sempre se debruçou sobre a humanidade à imagem do bom samaritano, para conhecer suas necessidades, curar suas feridas, encorajar seus esforços e apoiar suas iniciativas. Cada vez que, em qualquer nível, um setor de humanidade se empenhou para crescer em qualidade e valor humano, por melhorar suas condições, por promover-se, a Igreja julgou seu dever estar próxima e colaborar. E no continente latino-americano e no vosso Brasil talvez mais do que em qualquer outro quadrante do mundo, por causa das situações inegavelmente graves em que vivem vossos povos e por causa do papel histórico que a Igreja desempenha em vossos países.

Mas não é menos certo que a Igreja perderia sua identidade mais profunda – e, com a identidade, a sua credibilidade e a sua eficácia verdadeira em todos os campos – se sua legítima atenção às questões sociais a distraíssem daquela *missão essencialmente religiosa* que não é primordialmente a

construção de um mundo material perfeito, mas a edificação do Reino que começa aqui para manifestar-se plenamente na Parusia. Muitas outras instâncias têm o objetivo, o dever e a capacidade de velar pelo bem-estar das pessoas, pelo equilíbrio social, pela promoção da justiça; a Igreja não se esquivava à sua participação nessa tarefa e assume com frequência mesmo atividades de suplência. Não pode fazê-lo, porém, em detrimento da missão que é sua e que nenhuma outra instância realizará, se ela não o fizer: transmitir como depositária autêntica a Palavra revelada; anunciar o Absoluto de Deus, pregar o nome, o mistério, a pessoa de Jesus Cristo; proclamar as bem-aventuranças e os valores evangélicos e convidar à conversão; comunicar aos homens o mistério da Graça de Deus. A Igreja cometera uma traição ao homem se, com as melhores intenções, lhe oferecesse bem-estar social, mas lhe sonegasse ou lhe desse escassamente aquilo a que mais aspira (por vezes até sem o perceber), aquilo a que tem direito, que espera da Igreja e que só ela lhe pode dar.

Mais grave seria a perda da identidade se, a pretexto de atuar na sociedade, a Igreja se deixasse dominar por contingências políticas, se tornasse instrumento de grupos, ou pusesse seus programas pastorais, seus movimentos e suas comunidades à disposição ou ao serviço de organizações partidárias...

De resto – mas seria ainda necessário recordá-lo, a vós, sobretudo, Pastores da Igreja? – os direitos do homem só vigoram de verdade onde são respeitados os direitos imprescritíveis de Deus pois o empenho por aqueles é ilusório, ineficaz e dura pouco se se realiza à margem ou no menosprezo destes...

Não preciso dizer que vossa vigilância se exercerá também na defesa dos vossos fiéis, cada vez que estiverem em jogo seus legítimos direitos como pessoas humanas e filhos de Deus. Agireis, então, como verdadeiros Pastores sem oferecer ocasião para manipulações de vossas atitudes e gestos, para que a força da Igreja não se reduza à fragilidade e ao efêmero do temporal. Neste domínio, Deus queira que prefirais sempre o diálogo cristão ao confronto.”

6. PARADIGMA COMO MODELO DE AÇÃO

Um paradigma não é uma simples informação de um contexto transplantado a outro. Trata-se de uma articulação que tem força de *centro estruturante*. Os fatos da experiência passam a ser interpretados no viés desta dinâmica e a história passa a ser produzida e modificada na sua força incidente.

O paradigma, mecanicamente, se assim se pode dizer por um momento, traz as conseqüências de um Modelo de Ação. Isto é, sua rede interna de relações, envolvendo pessoas, circunstâncias, valores etc., com seus influxos, produz a ação. Tem, pois, uma estrutura com força de suscitar e impulsionar para a Ação.

Assim, paradigma é uma matriz geradora ou esquema, a estrutura que, baseada em categorias fundamentais, origina um número bem determinado de relações que se tornam geradoras, não só de uma teologia, mas da hermenêutica do cotidiano da fé do povo cristão³.

6.1 Considerações

O vocábulo *paradigma/parádeigma*, já na Retórica de Aristóteles, aparece com o sentido de “exemplo”. Os oradores usavam com a finalidade de persuadir. Na dialética platônica aparece como “modelo”. O sentido é a força de um padrão que vai se impondo progressivamente. Esta perspectiva faz o conceito de paradigma presente em variados campos, talvez até indevidamente, como força que preside gerando novos momentos e definindo os rumos de novos processos. Exemplificando, ouve-se falar: “No campo da educação, ouve-se falar do paradigma da “construção” do conhecimento. Na campo da teoria política, evoca-se o chamado “terceiro setor”. Há quem fale num ciclo civilizatório marcado pelo paradigma “ecológico”⁴.

³ Ibidem

⁴ VVAA. *Teologia e novos paradigmas*. São Paulo: Soter/Loyola, 1996, 16ss.

6.2 Sentido e alcance

O paradigma é uma reserva que guarda forças dinâmicas da produção de sentido, com incidências determinantes no horizonte de compreensão e nas conseqüentes opções. Proporciona rupturas e novas perspectivas de compreensão no fluxo e refluxo de sua força significante. A vida, a interpretação, as modelações recebem influências determinantes do paradigma. É ele quem sustenta e garante o processo. É crítico o momento quando ele não mais funciona ou deve ser, por razões próprias e adequadas, substituído. Isto mostra a importância imprescindível do paradigma e o seu caráter fundacional e sustentador no contexto da realidade ou da visão de mundo em que ele atua.

6.3 Subjetividade

A temática do paradigma, para sua compreensão, supõe incluir abordagens em torno do binômio Subjetividade e Linguagem.

O momento atual é caracterizado pela busca de uma nova síntese entre o pessoal e o social. Vê-se a redescoberta da dimensão afetiva como uma reação à massificação técnico – burocrática e ao ativismo. Este horizonte pede uma nova consideração, ou melhor, uma adequada localização da subjetividade nos processos. Entre estes, naturalmente, os processos sócio – históricos.

Neste sentido, subjetividade não é compreendida como simples singularidade de cada qual. Este é um aspecto personalizado da subjetivação. Mas, subjetividade entendida como realidade cultural, ou seja, o sujeito como parte integrante de um conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, subjacentes e ou incorporados às expressões de ação e comunicação de um grupo humano.

A subjetividade significa, também, o processo de emancipação e afirmação do sujeito. Ora, não mais se admite para o sujeito uma situação de sujeição, um sujeito – objeto, ainda que dentro de um processo libertário segundo as dinâmicas de processos sócio – históricos.

A subjetividade é a nova base do processo de experiência existencial, seja na ordem da compreensão da realidade, seja na ordem da tomada de posição e de decisões. De dentro de sua experiência pessoal é que o homem compreende a realidade, e a compreensão da realidade amplia-lhe o conhecimento de si mesmo. Ora, a experiência é o limite do conhecimento.

Assim, a caracterização forte é a emergência da subjetividade que se inscreve na questão complexa da volta a um momento anterior: do momento do social ao momento do sujeito. Não, é claro, enquanto abolição do social, mas enquanto assumido numa nova síntese. Sabe-se, pois, que em nome de urgências sacrificou-se e se sacrifica a subjetividade e, com ela, o afetivo e o simbólico.

6.4 Linguagem

A linguagem, no contexto paradigmático do Êxodo, é a referência fundamental para o processo da compreensão. Ora, é ela quem possibilita, por ser o meio próprio, a entrada no “domínio da significação”. Por isso, sublinha Gadamer, “a compreensão se reveste, necessariamente, da forma da linguagem que é o agente mediador da experiência hermenêutica”, enquanto processo de compreensão.

A linguagem é a chave do homem, da história social, do funcionamento da sociedade e da produção subjetiva e intersubjetiva. É a linguagem quem possibilita o sistema do homem como sistema falante. Vale lembrar Heidegger dizendo que a linguagem é “a casa do ser” e que “o homem é o pastor do ser”.

O processo de compreensão situa ou configura um determinado Horizonte de compreensão. Nesta medida e sob este influxo ele produz modelos, ou na força influente de paradigmas é que ele alarga seu horizonte.

1. A EXPLICITAÇÃO DO PARADIGMA E O CONTEXTO DE NOVAS EXIGÊNCIAS

Entrou em crise o paradigma do Êxodo para a compreensão da Bíblia na AL? São muitas razões para justificar a inexistência desta crise. Entre outras, a solidez do paradigma no interno da própria Bíblia, com sua dinâmica

libertária e definitiva da identidade de um povo e de sua pertença a um Deus único e verdadeiro. Sua fidelidade toca as raízes da configuração da realidade e implica num comprometimento que não convive pacificamente com uma realidade que nega as condições dignas da humanidade. Por outro lado, a América Latina, sofrida e submetida a dominações irônicas e explorações muito bem articuladas em mecanismos sistêmicos, com a impossibilidade de os fracos e pobres terem a devida reação para, por si, mudarem os rumos deste caminho.

A crise ronda a explicitação do paradigma no contexto de novas exigências que supõem sua articulação no interno dos processos sócio-históricos de libertação. Não seria esta questão um certo freio ao caminho deste processo que vai ainda acumulando milhares de excluídos e marginalizados?

Neste horizonte localiza-se, em reação, naturalmente, ao domínio hegemônico da racionalidade instrumental, a explosão da subjetividade. Esta explosão configura situações muito complexas e complicadoras como o individualismo ou o surgimento de uma cultura hedonista. Nestes casos, ocorrem graves desprestígios, como por exemplo, da política, ou de uma concepção de sociedade que não mais seduz como interesse pelo passado, pelo presente e pelo futuro. A relativização de valores, com o conseqüente indiferentismo, compromete o sentido da existência humana, entre outras coisas com o gosto pela procura de sensações fortes para produção de sentimentos a partir de dinâmicas e razões que mais expressam a fatalidade da morte, como negação e fracasso.

São abundantes, neste momento, os estudos que trabalham, profundamente, as raízes dos acelerados e radicais processos de mudanças no contexto da cultura latino-americana, com conseqüentes comprometimentos.

As acentuações e reflexões mostram que ⁵ "Os valores fundamentais da fé permanecem como bússola que guia a caminhada e permite abrir estrada... A afetividade e a subjetividade tornam-se também lugar teológico. A questão da felicidade das pessoas concretas no tempo presente passa a ter importância teológica e pastoral. Uma teologia que não constrói felicidade e bem-estar

⁵ Ibidem, 62

peçoal, que não leva à integração afetiva, perde plausibilidade. O aspecto místico-celebrativo, articulado com a práxis libertadora, não pode mais ser relegado a segundo plano. É preciso reconsiderar o espaço dado à mística e à celebração dentro de um contexto secularizado, em que estes aspectos fundamentais da fé e da vivência religiosa eram considerados, por vezes, alienados."

Pode-se concluir que o desafio atual se configura a partir da articulação do paradigma do Êxodo, na sua solidez e fixidez própria, e nos novos paradigmas advindos nos processos de mudança ocorridos no contexto atual. Particularmente, pode-se, especialmente, sublinhar as exigências e as conseqüentes novas articulações com os paradigmas da subjetividade e da práxis. Esta é uma desafiadora articulação que faz a consciência histórico-social entrar com sérios questionamentos, no sentido de salvaguardar uma práxis libertadora. Por sua vez, a subjetividade explicita exigências das quais não pode abrir mão, enquanto conquistas próprias da viragem antropológica destes últimos decênios.

2. O ESQUEMA PARADIGMÁTICO DO ÊXODO E SEU ALCANCE EXEGÉTICO-TEOLÓGICO

O caráter paradigmático do Êxodo se revela a partir de um esquema literário próprio, identificável pelo procedimento exegético no tratamento dos textos clássicos como Ex 6,6-8, Dt 6,21-23 e 26,8-9. Partindo, naturalmente, da identificação dos elementos no plano sintagmático é que se percebem as conseqüentes substituições para configuração do plano paradigmático. A estrutura de base simples do plano sintagmático se insere num conjunto literário mais complexo.

8.1 O esquema literário

O esquema, de maneira simples, inclui propriamente *a saída do Egito, o caminho no deserto e a entrada na terra.*

Sintagmaticamente, o esquema literário é composto de duas partes que se relacionam, espacialmente, como movimento: da/min a/él, com os verbos de movimento *ys'*/sair e *bw'*/entrar e as referências geográficas que indicam direção: *misrayim-*'eres/*maqôm*.

O esquema é assim representado:

Parte verbal	preposição	indicação local
1. <i>ys'</i> (hiphil) 2. <i>bw'</i> (hiphil)	min 'el	misrayim 'eres-maqqôm
1. fazer sair 2. fazer entrar	do na	Egito terra-lugar

Estas duas partes são sintaticamente de semelhante composição. Entre estes dois movimentos, deve-se considerar um movimento de passagem, conforme se pode verificar dos textos de Dt 8, 2.7.14-15 ou Jr 24,6-8.

Neste momento de passagem, a configuração sintática se constitui assim: *Hlk* (hiphil) ou *ysb* (qal) *be midbar*

Assim, sintagmaticamente fica a composição em três partes: A) 1. Sair do Egito; B) 2. Caminhar/estar no deserto 3. Entrar na terra-lugar / 1. Verbo 2. Preposição C) 3. Indicação local, designando um movimento de, um movimento para e um estar em ou mover-se na direção de. Sabe-se que a consideração de um elemento paradigmático a respeito de um outro se faz possível quando, pelo menos, um dos elementos do sintagma permanece invariável.

A paradigmática se verifica, então, como nos textos de Ex 3,8: “para arrancar do poder do Egito...”; para fazer sair daquela terra”; 10: “faça sair o meu povo, os Israelitas, do Egito”; 11: “farei sair dos Israelitas do Egito”; 12: “quando farei sair os Israelitas do Egito”; 6,6-7; Dt 6,12.21.23; 8,14; 26,8; Js 24,5-6.

O verbo que mais ocorre é *ys'*/sair, 12 sobre 15 vezes, indicando com um “sair” a dimensão espacial da ação. Os verbos como *lh*, em Ex 3, 8, substitui por sinonímia. Ou uma substituição metafórica como *nsl*, em 3,8 e 6,6 com o uso de *nsl*/arrancar. A preposição *min* é muito constante e uniforme, exceto em Js 24,5 ou em Ex 6,6.7 pois vem combinada com a preposição *tahat*.

O *terminus a quo* é sempre um lugar: *misrayim* (Ex, 10.11.12; Dt 6,21 e 26,8; Js 24,6) ou *'eres mysrayim* (Dt, 6,12; 8,14); ainda há ares *hahil*/aquela terra (Ex 3,8) ou *sam*/lá. Também aqui, as relações são de sinonímia.

Verifica-se, ainda, uma metaforização com a passagem de termos precedentes: “do poder do Egito” (Ex 3,8); “de debaixo dos pesos do Egito” (Ex 6,6-7); “da casa da escravidão” (Dt 6,12; 8,14); “da sua escravidão” (Ex 6,6).

Na segunda parte, a paradigmática não tem particularidades para além do que aparece no plano sintagmático. O verbo freqüente é *hkk*/andar (hiphil) ou *qal*, seguido da preposição *bê* e deserto. Só em Js 24,7 é que aparece *ysb*.

Na terceira parte, o verbo é sempre *'bw'*, *qal* ou hipnil, segundo o sujeito, indicando a dimensão espacial da ação. Só em Dt 6,23 a combinação é com *tnt*. E a preposição do verbo *bw'* é *el qie* designa o movimento final como um movimento para.

Finalmente, o *terminus ad quem* é *'eres*, oito vezes, e *maqôm*, uma vez. A terra da qual os Israelitas saem é terra do Egito ou casa da escravidão, diferente, pois, daquela na qual Israel vai entrar. É uma terra na qual habitam outros povos: Js 24,8: cananeus, hititas, amorreus, fereseus, gebuseus (Ex, 3,8). A terra é boa, Dt 8,7, boa e espaçosa, onde corre leite e mel, Ex 3,8. A paradigmática mais completa em qualificações da terra é aquele de Dt 8,7-9.

O esquema simples, sintagmaticamente composto, se expande a partir de sua realização completa, ganhando força paradigmática. Isto se pode ver, na primeira parte, quando a ação de Iahweh é marcada pelas caracterizações de ação com “mão potente”, Dt 6,21, “com mão potente, braço estendido, grande terror, com sinais e prodígios, Dt 26,8, “com braço estendido e grandes juízos”, Ex 6,6.

A ação de Iahweh que faz sair é seguida da ação expressa por *g'l* e da forma da aliança, “vos tomei como povo, serei o vosso Deus”. Ainda mais desenvolvida neste horizonte é a apresentação de Js 24,5-7.

Na segunda parte, as tônicas mais fortes vêm da referência temporal: “nestes quarenta anos”, Dt 8,2 e “muito tempo”, Js 24,7. Ainda, o lugar deserto, como lugar não só para onde Iahweh conduz o povo, mas onde mata

a sua sede, fazendo brotar água da rocha e o nutre, Dt 8,15-16. Assim, Dt 8 é sempre o lugar da provação e da lei.

Finalmente, na terceira parte, os verbos *ysb*, Dt 26, 1, *yrs*, Dt 6,18,26,1; Js 24,8, tendo o povo como sujeito, e *ntn*, sendo Iahweh o sujeito, em Ex 6,8, Dt 26,9 Js 24,13, qualificam a entrada na terra como um Dom.

A entrada na terra sempre significa comer e saciar, Dt 6,11, 8,10 e Js 24,13. Ainda, a terra/eres, introduzida com a fórmula *äser/que*, se liga ao sentido da terra dada a Israel como cumprimento da promessa feita aos pais, Ex 6,8, Dt 6,10.18.23. Em Dt 6,10-11, e de modo semelhante em Js 24,13, o desenvolvimento de *eres* é por sinédoque, englobando terra, cidade, casa, poço, vinha e oliveiras⁶.

8.2 O contexto histórico

O Livro do Êxodo é resultado de um complexo processo de tradições literárias, entrelaçando convicções e experiências de "historiadores, poetas, ministros do culto e legisladores de várias gerações. Este é testemunho do alcance paradigmático que a significação teológica do Êxodo garantira no quadro da experiência da fé e da Aliança do Povo de Deus.

O contexto sócio-político da margem oriental do Delta do Nilo configura a ambientação para o Êxodo. Embora sem testemunhos extrabíblicos acerca da presença de Israel no Egito, prova-se o costume da presença de estrangeiros legalmente ali introduzidos com acesso às áreas férteis, em consonância com a narração do Livro do Gênesis a respeito da família de Jacó. Além disso, as influências semíticas na língua egípcia e os nomes egípcios entre personagens bíblicos, como Moisés, e as construções iniciadas no reinado de Setti II, 1305-1290, e concluídas no reinado de Ramsés II, 1290-1224, criando condições de trabalhos forçados ao povo, entre eles os Habiru, povo que não tinha direitos civis entre os séculos XV e XII aC, correspondendo ao testemunho de Ex 1,11.

⁶ Cf. SPREAFICO, A. Esodo: memoria e promessa, n.14, Supplementi alla *Rivista Biblica Italiana*, Bologna: EDB, 31-38

Há de se recordar ainda a referência extrabíblica a um povo chamado Israel numa estela de 1220 aC, marcando as celebrações das vitórias, na Palestina, de Menefta, sucessor de Ramsés II. Assim é que os historiadores situam o Êxodo no século XIII aC, provavelmente no início do Reinado de Ramsés.

Foi no século X aC, quando Israel vivia um tempo de ouro da sua história, sob Davi e Salomão, é que se começou a relatar esta história de Israel, como resultado de um plano divino e da fidelidade do Senhor às suas promessas.

O Deus do Êxodo é Iahweh, identificado com os oprimidos, com o objetivo de levá-los à terra prometida aos seus antepassados. Este Deus acompanha amorosamente este povo no percurso. Nesta mesma perspectiva se faz a leitura no século VI, nos círculos sacerdotais, reescrevendo a história de um povo que tinha perdido sua identidade como povo politicamente independente.

Instala-se um processo *libertário* de grandes proporções com a desobediência civil de mulheres, Ex 1,22-2,10, num contexto de forte opressão, Ex. 1,8-12. A história é contada com o empréstimo que se faz do modelo literário da história da origem de Sargão, soberano da Mesopotâmia no III milênio aC, também jogado nas águas, num cesto calafetado, salvo, e criado por um jardineiro.

No processo cresce a consciência da opressão e o desejo da libertação. Moisés é o escolhido como profeta, sublinhando que o Êxodo não era resultado de um simples movimento social. Moisés é o porta-voz do compromisso divino de libertar o povo de Israel. Embora trate-se de um processo desafiador e exigente, mesmo contando com a intervenção divina, são muitas as complicações em razão do enfrentamento dos mecanismos estatais que o impedem. As tensões são crescentes e grandes até desembocar na peregrinação no deserto, entre o mar e o Monte Sinai, Ex 15,22-18,27.

A experiência acentua estar em jogo significações muito fundamentais na constituição e na manutenção da identidade de um povo: a diferença entre o

trabalho escravo e uma vida que se baseia no Dom, cultivada na prática do repouso sábatico. O estilo de vida marcado pela solidariedade, à medida que acumulação e ambição são contrários à liberdade.

A descrição da vida no deserto constitui um programa de vida de um povo que toca desde as questões administrativas, com seus mecanismos, até a dinâmica relacional presidindo a vida comunitária, na força da fraternidade.

Os relatos da narração de Ex 19-24 delineiam o horizonte imprescindível da compreensão do Êxodo, como paradigma, na experiência de encontro com Deus, no Sinai. A marca fundamental é a Aliança celebrada e a partir dela a definição de uma identidade a ser mantida para sempre. Por isso, as narrativas de Ex. 25-31 e 32-40 acentuam os descaminhos da infidelidade e do perdão que recupera, assim tanto como o ideal do Tabernáculo, como garantia da perpétua presença de Deus na vida e com o Povo de Israel.

As relações a serem firmadas com Iahweh constituem linhas essenciais do processo libertário. A Aliança, Ex 24, se concretiza na obediência à Lei, Ex 20-23, enquanto direções e dinâmicas definitórias do modo de ser do Povo de Israel, traduzindo a força da experiência vivida de Deus, Ex 19.

O grande compromisso do processo libertário é o estabelecimento de uma nova ordem que tem seu fundamento na experiência do Deus que se manifesta e sua prática nas indicações legais de caráter civil, moral e cultural. No centro desta prática está o compromisso absoluto e inalienável de defesa da vida. Esta é a verdadeira lealdade ao Senhor. O ponto primeiro de partida é, naturalmente, a prática da justiça.

O Código da Aliança, Ex 20,22-23,33, ainda que inspirado até em costumes de povos vizinhos do Antigo Oriente Próximo, tem a genuinidade de um credo que gera um culto próprio como fonte de inspiração de uma nova estrutura social. Esta só pode ser no mesmo horizonte do projeto libertador de Iahweh ao retirar os israelitas da condição de opressão⁷.

⁷ Cf. BURNS, R. "O Livro do Êxodo, em Êxodo, paradigma sempre atual. *Concilium* 209, 13-24

8.3 O alcance paradigmático

A exemplaridade que nasce, pois, do Livro do Êxodo tem no horizonte o processo de libertação. Trata-se de um horizonte que inclui um decisivo e comprometido percurso na ordem social, sem perder de vista elementos estruturantes do ideal libertário.

O elemento central estruturante é a ação de Deus, a força transformadora de sua presença, fruto de seu projeto gratuito e amoroso. Por isso, o paradigma do Êxodo se preocupa fundamentalmente na apresentação de Deus, enquanto sua compreensão e experiência se firmam como garantia de perenização ou retomada do processo nas diversas circunstâncias da história.

Neste sentido Ex 3-4, depois da configuração da situação de opressão, Ex 1, testemunha quem é Deus. Seu ser é seu agir, a conseqüência é o Êxodo. Deus se revela no contexto das tensões libertárias, como o Deus que para ser experimentado exige um percurso de caráter místico. Esta dinâmica é a única condição de possibilidade de experienciar o seu ser e força incidente na coragem de sair, de ir ao encontro e de construir a novidade da nova ordem.

Por isso, o Êxodo é experiência fundante e assume no horizonte de toda a Bíblia um papel insubstituível e inigualável. A dinâmica de sua articulação interna, o olhar voltado para o invisível do mistério de Deus que se revela, e ao mesmo tempo na vida do povo, configuram o artigo fundamental da fé existente em Israel. Daí a compreensão de fidelidade ao Senhor como experiência articulada com o respeito e a promoção da vida do Povo de Deus, numa inadiável ação transformadora da ordem das relações e dos mecanismos de sua manutenção na esfera social e interpessoal. Esta é a possibilidade de nascimento e manutenção, diários e práticos, do processo de Libertação como realização do projeto salvífico do querer de Deus.

3. ÊXODO COMO PARADIGMA NA BÍBLIA

É indiscutível a vigência do caráter fundante do Êxodo no longo percurso da produção hermenêutica e literária da Bíblia. O Êxodo é a fonte mais completa de inspiração como paradigma. Pode-se referir, claramente, a uma

rede de categorias produtoras de sentido no horizonte bíblico. Indiscutivelmente, o fio central em torno do qual a rede se articula é o Êxodo.

9.1 Argumentação

São muito bem esclarecedores os argumentos que fundamentam este acontecimento⁸:

1. O Êxodo foi (ou é apresentado, nos textos, como) um fato originário para a criação de Israel como um povo livre. O originário reveste um caráter fundacional e adquire um prestígio único. Por isso, o êxodo é narrado às vezes com uma linguagem "criacional" (Is 51,9-10; Sl 74,12-15 e a tradição targúmica conectam êxodo-criação como as duas primeiras noites sagradas da salvação.

2. A primeira libertação se une à primeira páscoa (Ex 12); quando esta festa conquistou, com a teologia deuteronômica, uma relevância especial, o êxodo também se fortaleceu na consciência israelita. A páscoa, com efeito, era o memorial (*zikkaron*) da saída do Egito. Assim, o culto e práxis sócio-histórica permaneciam unidos e fortalecidos mutuamente.

3. O que fascina no êxodo é a opção de Javé pelos oprimidos. A opressão e exploração do povo são descritas com certos detalhes (Ex 1-6), dando com isso uma contraluz especial ao relato da libertação: não se trata de algo genérico, mas algo que tem referência com uma situação concreta, que pode sintonizar-se facilmente com outras. É o caso de comparar, por exemplo, com o exílio. O exílio não é descrito como é descrita a permanência de Israel no Egito.

4. O exílio, por não ser um acontecimento originário, é iluminado pelo êxodo.

5. O acontecimento do Êxodo tem um claríssimo conteúdo político e social. O aspecto político (a dominação dos hebreus por um poder político estranho) adquire um tom transcendente, pelo confronto solene de dois poderes divinos, os dos deuses egípcios, representados pelo faraó, e Iahweh. O aspecto social refere-se à condição de escravos que os hebreus sofriam em solo egípcio. Textos importantes retomam esta articulação dos aspectos político e social: Dt 15,15 e 24,18.22; Ex 22,20 e 23,9; Lv 19,34-36; Am 3,1; Mq 6,4 Jr 2,1s)

6. Pode-se ainda recordar, como amostra de caráter paradigmático do êxodo, a forma verbal surpreendente de sua memória litúrgica e hinológica: Javé é definido como "aquele que liberta (e não aquele que libertou) Israel do Egito": Sl 136,11 Is 43,16 e 63,11⁹.

9.2. A tipologia do Êxodo na Bíblia

A tipologia do Livro do Êxodo perpassa toda a Bíblia, e lhe constitui um determinante horizonte de compreensão. Por isso, o Êxodo é um momento hermenêutico significativo para a experiência de fé do Povo de Deus. Articula, pois, diferentes e insubstituíveis elementos da compreensão de Deus e do Homem. Esta compreensão gera uma espiritualidade que incide na existência e na experiência de fé do Povo de Deus. Nesta direção se percebe que o Homem não pode ser bem compreendido e situado prescindindo do significado de sua essência e da transcendência como seu horizonte último. Estes são traços fundantes da missão do homem no mundo e do sentido da presença de Deus. Sinteticamente, alguns traços em contextos literários e teológicos mais amplos.

9.2.1. No Antigo Testamento

a) no Pentatêuco:

A antropologia que se articula no Pentatêuco, com uma compreensão de Deus, tem características muito próprias e marcantes do sentido da vida, da dinâmica a ser conquistada nela e da sua razão última de ser.

⁸ Cf. CROATTO, S. A relevância sócio-histórica e hermenêutica do Êxodo. *Concilium*, 209, 135ss

⁹ *Ibidem*, 136-138

Gn 1-2, no ápice da expressão de Gn1,26, o homem criado à imagem e semelhança de Deus, marca esta sua condição desde a criação. Esta concepção ganha da experiência do Êxodo sua lucidez e argumentação, evidenciando o fundamento de seu significado. O homem se compreende a partir da sua elaborada e vivida compreensão de Deus. Sua ação no mundo ganha deste horizonte a tônica determinante. Viver torna-se uma fidelidade a Deus criador e salvador.

O Deuteronômio, 15-16, assinala perspectivas celebrativas e memoriais que acentuam o processo de crescimento na consciência da filiação, da fidelidade, da solidariedade e do compromisso com o bem. A experiência do Êxodo fecunda a necessidade de uma prática social que respeita e traduz a condição autêntica do humano, em razão de sua vocação ontológica para ser livre e recriar o universo.

b) no Profetismo:

A literatura profética é um acervo riquíssimo da educação da fé do povo de Israel, ramificada no território do NT, enquanto força argumentativa de explicitação do mistério e enquanto força pedagógica de geração de uma autêntica experiência.

É interessante recordar os profetas como grandes educadores da fé do povo de Israel. São donos de um procedimento pedagógico e educativo sobre o qual não pesam dicotomias comprometedoras e geradoras de reducionismos ou radicalizações. A fé inspira a ação política e esta se torna a expressão vivida da fé professada. Os profetas ajudam o povo a fazer a vida ganhar um novo brilho advindo da experiência autêntica comprometida da fé. Por isso, os profetas são, ao mesmo, tempo grandes místicos e veementes denunciadores de injustiças. Todos estes resultados nascem das reinterpretações que os profetas fazem da experiência fundante do Êxodo. Este é o elemento fundamental da interpretação da história e da reorientação de sua direção e de sua nova ordem, de modo que Deus e Homem estejam no seu devido lugar. Este é o horizonte das idolatrias tão dissecado pelos profetas nos seus ensinamentos.

A dinâmica da pregação profética, articulando crítica, conscientização e interpretação da história, se pauta pela compreensão profunda e experiencial de Deus e do homem na sua condição de filiação ao Deus único e verdadeiro.

c) No Novo Testamento:

O horizonte do NT se configura no alcance significativo da Páscoa. Ora, à temática pascal pertence também a tipologia do Êxodo. Por aqui se constrói a teologia da salvação do NT. Por isso, por exemplo, para os sinóticos, a coincidência da morte de Jesus com a Páscoa não é casual, mas querida por Deus e, conseqüentemente, densa de significado.

A tipologia do Êxodo diz respeito, entre outros elementos, à figura de Moisés que vem colocada em confronto com a figura de Jesus, no Evangelho de Mateus e na primeira parte dos Atos dos Apóstolos. Jesus é o novo Moisés (At 3,22), o novo chefe libertador (At 7,35). Por isso, do ponto de vista histórico, é muito provável que a Última Ceia de Jesus tenha sido uma Ceia Pascal. Portanto, do ponto de vista teológico, a Eucaristia cristã significa a substituição e o cumprimento parcial do culto pascal do AT e do Judaísmo.

Será oportuno aprofundar, entre outros textos, aquele da Transfiguração, particularmente em razão da presença de Moisés na cena e no horizonte em que o projeto redentor se revela para os discípulos. Nesse sentido, o processo de transformação se projeta.

As cartas de Paulo compreendem que a ação libertadora realizada por Cristo é um evento pascal. I Cor 5,7: Cristo, nossa Páscoa, se imolou e foi oferecido ao Pai como primícia, 1Cor 15,20.23. Assim, no lugar da libertação da páscoa do AT entra aquela realizada em Cristo no NT. Assim, a liturgia pascal do NT ganha plenitude no seu caráter cultural, da Eucaristia, segundo Paulo, a partir do esquema de anúncio (*anámnesis*) e de ceia sacrificial que opera comunhão e garante uma espera escatológica (1Cor 11,24ss).

A 1Cor 10,1-5 mostra que a libertação operada por Cristo tem um aspecto sacramental eclesiológico, como a passagem pelo Mar Vermelho. Quando Paulo fala de "libertar" e "salvar" tira a significação semântica do Êxodo como experiência fundante no AT.

Na carta aos Hebreus a tipologia páscoa - êxodo contextua Jesus como Novo Sumo Sacerdote, especialmente como mediador da Aliança e guia da glória e da salvação. É também o novo Moisés que conduz o povo ao repouso. O seu sangue não é só sangue de expiação e de aliança, mas sangue da páscoa. Este sangue garante a libertação (9,12).

No Evangelho de João, a argumentação é profunda no sentido de mostrar que a Páscoa é o sinal-realização do mistério de Cristo no “plano da realização histórica”, “no plano do “prolongamento sacramental” e da prefiguração tipológica.

João apresenta três páscoas. A terceira é a páscoa da morte de Jesus, isto é “a Hora”, preestabelecida pelo Pai e sempre presente aos olhos do Filho. Como os sinóticos, João sublinha que Jesus quis morrer na ocasião da Páscoa, e que por isso protelou sua própria prisão. João dá um valor teológico entre esta coincidência cronológica e entre a páscoa dos Hebreus e a crucifixão de Jesus. A morte de Jesus não é apenas uma páscoa-passagem do mundo ao Pai. Jesus é o Verdadeiro Cordeiro. Ele morre na mesma hora em que são imolados os cordeiros lá no templo.

João aprofunda o significado teológico do evento salvífico do NT em base e ajudado pela tipologia bíblica da Páscoa-Êxodo Jesus renova e supera o evento salvífico do AT. Todos os bens e funções salvíficas do Êxodo do passado são recapitulados na sua pessoa e na sua obra. Jesus é o instrumento de salvação por excelência. “Ele é o bem de salvação omnicompreensivo do êxodo novo do final dos tempos”. Vê-se que o livro do Êxodo influenciou largamente sobre a estrutura formal do 4º Evangelho. João parte da estrutura de uma *haggadá* pascal judaica, segundo o Livro da Sabedoria 10,1-19,22.

No Apocalipse encontra-se também uma trílice articulação no caráter pascal que ele tem: Cristo é indicado como Cordeiro do evento pascal. Ele é o Cordeiro Pascal. O sangue do Cordeiro traz efeitos e conseqüências muito fortes. É preço do resgate. Este Cordeiro é o centro da liturgia celeste, espelhando a liturgia eucarística da comunidade cristã da Ásia Menor. A tipologia do Êxodo está na base do Apocalipse, firmando o caráter pascal do cordeiro e da liturgia. A Igreja vem localizada como o novo povo.

Sinteticamente, no NT se dá uma importância fundamental à ação salvífica de Cristo como um acontecimento pascal; este mesmo caráter pascal está na liturgia que prolonga e atualiza o acontecimento pascal acontecido uma

vez por todas. Tanto o acontecimento salvífico do NT como o culto cristão são explicados teologicamente enquanto se recorre aos acontecimentos veterotestamentários páscoa-êxodo¹⁰.

CONCLUSÃO

1. O CARÁTER PARADIGMÁTICO DO ÊXODO COMO COMPREENSÃO

O Êxodo, na qualidade de grande código, além de ter o caráter fundante da identidade de Israel, tem uma força geratriz na tradição ocidental. Esta incidência toca, pois a sua história religiosa e política, exigindo percursos hermenêuticos por campos que articulam a vida de um povo, legando neles uma possibilidade de compreensão, em si, determinante da vida, da ordem e da gerência da história.

2. POLÍTICO-SOCIAL

O Êxodo nutre e planta o sonho de uma cidade de Deus na história. A Lei se configura como possibilidade operativa deste ideal. É o horizonte político de compreensão da sociedade como lugar da superação dos mecanismos que retardam ou impedem a vivência desta cidade marcada pela liberdade e pela garantia, em todos os sentidos, da dignidade humana.

O povo peregrino encontra, assim, uma razão para uma ação política, naturalmente, sem sacralização. Tudo tem seu nascedouro no amor de Deus pelos pobres e conseqüentemente o imperativo do comprometimento com uma nova ordem, traduzindo o nível da dignidade humana nas condições sociais da vida.

Iahweh é um Deus solidário com o seu povo e toca o núcleo fundamental dos mecanismos definitórios dos rumos da sociedade. O grande ideal é uma sociedade de homens livres, fraternos, iguais.

¹⁰ Cf. FUGLISTER, N. *Il valore salvifico della pasqua*. Brescia: Paideia, 13-22

3. CULTURAL

O tecido paradigmático do Êxodo leva o Povo a colocar-se em questão, na medida em que toca, profundamente, as dinâmicas que presidem suas relações, suas escolhas e as suas opções fundamentais. O processo de sair da vivência de uma dinâmica da submissão, do medo e da negação da identidade para a experiência garantida da liberdade, da participação e da consciência profunda do seu destino e dos seus horizontes, instaura um processo de radical transformação. Ele é crítico, particularmente à medida que exige um deslocamento para se deixar determinar na força de um horizonte novo e diferente. Há um conseqüente redimensionamento dos parâmetros e das prioridades. Tudo influi na produção de sentido, na organização da vida e nas razões fundamentais de se viver, enquanto comunidade, particularmente.

4. ÉTICA

A compreensão da experiência exódica opera uma radical resignificação de valores, determinando um novo horizonte inspirador para a vida.

Ainda, o percurso do caminho gera, no bojo da experiência da relação pessoal e redentora com Deus, novos valores. A fonte desta relação é inesgotável e, nos valores, pereniza o gérmen da transcendência. Nesta perspectiva é que se passa a produzir o sentido que sustenta e anima a vida. O pessoal e o social são entrelaçados na força de valores nascidos da referência. A referência fundante e determinante só se encontra plenamente na ordem da transcendência. A ubicação histórica não contém a reserva necessária para legar estes elementos fundamentais de confecção e sustentação dos valores.

5. AFETIVA

A compreensão nova que o Êxodo possibilita não se esgota num projeto que se dá todo nas proporções do social. O Povo de Deus é composto de cada pessoa que engrossa o seu número. A estrutura de cada pessoa é a afetividade. De verdade, a relação de filiação na compreensão do sentido de ser Povo de

Deus, particulariza a condição individual de cada um. Qualitativamente, é a relação pessoal com Deus o elemento alicerçante do sentir, do desejar, do querer e do optar. Absolutamente, faz sentido uma dinâmica que estreita a subjetividade e o lugar imprescindível da relação. Esta é a fonte principal da autêntica realização da pessoa. Ela é uma via expressa do ser de Deus e da identidade do humano, de lá advinda.

6. RELIGIOSA

A experiência do Êxodo configura, por excelência, o sentido e a dinâmica próprios da experiência religiosa. É um percurso de encontro que inclui a sedução da Aliança de um Povo com o seu Deus. Articulam-se imanência e transcendência. Aquela tem o dinamismo de projetar-se nesta. Esta é o horizonte determinante daquela. Há uma configuração que radica tudo o mais nas bases da manifestação de um Deus, referente absoluto e insubstituível. Qualquer sombra a Ele é o início de toda idolatria ou indiferentismo, com conseqüências sempre nefastas para o destinatário principal do projeto redentor: o homem.

7. O CARÁTER PARADIGMÁTICO DO ÊXODO COMO FORÇA PEDAGÓGICA

7.1 Celebração

Não se pode compreender o paradigma do Êxodo, particularmente nas suas ramificações neotestamentárias, sem a dimensão celebrativa. É importante ter presente Ex 12,42. A ritualidade do culto tem propriedades de traduzir, atualizar e introduzir no núcleo fundamental do Mistério que se celebra. Celebra-se porque se trata de um Mistério. Só a celebração permite o percurso ao centro do que significativamente ultrapassa. Há um sentido que se deve viver da sua procura. É a celebração que abre as portas para sua posse. Trata-se de uma posse que tem força de atualização e influência.

7.2 Memorial

Êxodo é festa pascal. É uma festa memorial. A grande força é reavivar o coração no prisma da redenção. O Povo renova e atualiza, anualmente, os bens concedidos por Deus. O valor radical e omnicompreensivo do evento é prolongado numa validade eterna.

7.3 Promessa

A promessa é o chão do percurso e horizonte de garantia. Ela guarda a dinâmica do "já" e "ainda não". Há um sonho a se perseguir no âmbito da existência, com a certeza de uma impossibilidade de nela se esgotar a promessa. Esta a ultrapassa. Sua ultrapassagem permite, já na visão do invisível, a experiência do encontro com Deus. De cá, um olhar de desejo para lá. De lá, uma visão de certeza.

7.4 As conseqüências místico-proféticas

O Êxodo, desde as estruturas mais arcaicas de seu caráter paradigmático, chegando às suas ramificações neotestamentárias, alicerçadas no evento pascal e redentor da páscoa - êxodo de Jesus Cristo, aponta o segredo da dinâmica místico - profética como traços conseqüentes. Há uma espiritualidade do compromisso articulada com a contemplação. Uma espiritualidade da ternura contracenando com o vigor da transformação. Uma espiritualidade da filiação e da fraternidade e uma espiritualidade da sedução e da indignação.

É a espiritualidade da coragem audaciosa de edificar uma nova ordem social e política no impulso do Reino como realidade que está para chegar.

D. Walmor Oliveira de Azevedo é Bispo Auxiliar de Salvador

LA PRÁCTICA MISIONARIA DE FRANCISCO SOLANO: PERSPECTIVAS MISIOLÓGICAS PARA HOY

Fr. Fermín Peña Lopéz

INTRODUCCIÓN

El presente trabajo pretende, en grandes líneas, rescatar la práctica de Francisco Solano y traer a la claridad la creatividad de medios o instrumentos de los cuales se valió para hacer posible tal práctica.

Es necesario, con todo, tener presente que esa tarea no quiere, simplemente, recuperar modelos o hacer apología entorno de la vida, del accionar y de los métodos de Francisco Solano o de los colonizadores, sean cuales fueran. Se quiere sí sentir su práctica, percibirla y admirarla para, con tranquilidad de juicio, poder buscar referencias y fundamentos que sirvan de luces y, sobre todo, propuestas para una práctica coherente de evangelización en la actualidad.

I - FRANCISCO SOLANO: UNA PRESENCIA EN DIÁLOGO

Francisco Solano, en el nuevo mundo, no era un conquistador. No era un civilizador. No era tampoco un organizador. Era simplemente el detonante de una clara presencia de la santidad y amigo de Dios en las Indias Americanas¹, que supo llegar a sus oyentes mediante medios muy originales como la música, la danza y la amistad.

¹ Esta también fue una de las razones por la que lo hicieron patrón de varias poblaciones americanas. Cf. José García Oro. *San Francisco Solano*, p.187.